

Safra 2004/05 de grãos de verão do RS: produção e preços em baixa

Martinho Roberto Lazzari*

Economista da FEE.

Resumo

O desempenho da agricultura gaúcha no primeiro semestre de 2005 foi seriamente prejudicado por uma conjunção de fatores analisados neste texto. As produções de arroz, feijão, milho e soja sofreram importantes quebras em função da estiagem, além de enfrentarem preços baixos no momento da comercialização, consequência do comportamento dos preços internacionais, da taxa de câmbio e dos estoques domésticos.

Palavras-chave

Economia agrícola; agricultura gaúcha; produção de grãos.

Abstract

This article aims to analyze a set of elements that accounts for the poor performance of Rio Grande do Sul agriculture activity in 2005 first semester. Agricultural commodities such as rice, beans, corn and soy have suffered a severe reduction shock in supply owing to drought. Furthermore, those commodities have faced price decreasing as a result of the trend of their international prices, the exchange rate as well as the domestic livestock.

Artigo recebido em 20 jun. 2005.

* O autor agradece pelos comentários a Maria D. Benetti, Vivian Fürstenau e a um parecerista anônimo, isentando-os, no entanto, de qualquer erro porventura remanescente.

1 - Introdução

Após a safra 2003/04, prejudicada por uma estiagem que reduziu a produção de grãos no Estado, os agricultores esperavam que a 2004/05 fosse melhor, com elevação da renda agrícola em função da perspectiva de uma safra cheia. Entretanto a severidade da estiagem de 2004 foi amplamente suplantada pela que atingiu o Estado entre dezembro de 2004 e março de 2005. Ao lado das adversidades climáticas, os agricultores gaúchos, no momento da comercialização, passaram a enfrentar um outro problema grave: os preços baixos oferecidos em troca de seus escassos produtos.

Este texto tem por objetivo analisar os dados de produção e de comercialização dos quatro principais grãos de verão do Rio Grande do Sul — arroz, feijão, milho e soja. Para tanto, após esta **Introdução**, segue-se um capítulo com uma visão geral das perdas; um segundo, onde se analisa especificamente o caso da soja; um terceiro, que focaliza as outras três culturas; terminando o texto com as **Considerações finais**.

2 - Uma visão geral das perdas

Em artigo que descrevia e analisava o desempenho da agricultura gaúcha em 2004, Benetti (2005), já no título, desejava um 2005 mais feliz que o ano encerrado, uma vez que a safra de grãos de 2004 fora prejudicada pela estiagem que se abateu sobre o Estado do Rio Grande do Sul, durante os primeiros meses daquele ano. Ao final de 2004, as previsões para a próxima safra eram animadoras. Entretanto uma colheita cheia só seria possível em condições climáticas adequadas, algo que a autora já incorporava em suas previsões, quando escrevia que “(...) se não ocorrer nenhum acidente climático e se nenhuma praga assolar as lavouras — em resumo, se a natureza assim prover —, o Rio Grande do Sul poderá estar colhendo, novamente, uma supersafra” (Benetti, 2005, p. 162).

Veio 2005 e, com ele, uma das maiores estiagens de que já se teve notícia no Estado. A partir de janeiro, as previsões de uma nova supersafra, como a de 2003, começaram a cair por terra. Mês após mês, a produtividade e, conseqüentemente, a produção eram reavaliadas para menos pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).¹ Para uma primeira visão geral das

¹ As sucessivas previsões para a produção dos quatro principais grãos de verão do Rio Grande do Sul realizadas pelo IBGE, através do **Levantamento Sistemático da**

perdas ocasionadas pela estiagem, apresenta-se a Tabela 1. Como a safra de verão de 2004 também foi prejudicada por uma estiagem, a comparação foi feita em relação a 2004 e a 2003, ano de safra cheia.

Tabela 1

Comparativo de área, produção e produtividade nas lavouras somadas dos quatro principais grãos de verão (arroz, feijão, milho e soja) do Rio Grande do Sul — 2002/03, 2003/04 e 2004/05

GRÃOS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO %	
	2002/03	2003/04	2004/05	<u>2004/05</u> 2003/04	<u>2004/05</u> 2002/03
Área plantada (ha)	6 131 233	6 462 664	6 566 704	1,6	7,1
Área colhida (ha)	6 124 464	6 337 549	5 806 478	-8,4	-5,2
Área perdida (ha)	6 769	125 115	760 226	507,6	11 131,0
Quantidade produzida (t)	19 840 437	15 390 356	9 863 715	-35,9	-50,3

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, maio 2005.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.br/> Acesso em: 14 jun. 2005.

NOTA: Nesta tabela, optou-se por não calcular o rendimento médio, uma vez que a agregação de produtos diferentes pode gerar dados enganosos.

Em primeiro lugar, pode-se notar que, embora a área plantada tenha aumentado, a área efetivamente colhida apresentou diminuição considerável na presente safra, efeito da estiagem, que fez o produtor abandonar 760.000 hectares de plantações por falta de condições mínimas para o bom desenvolvimento e colheita das culturas. Esse dado marca bem a gravidade desta última estiagem, pois o ano que relatava a maior perda dos últimos tempos era 1999, com 173.000 hectares perdidos, menos de um quarto do dado de 2005.

A produção total dos quatro grãos (arroz, feijão, milho e soja) caiu 36% em relação ao ano anterior, safra esta que já havia sido diminuída pelas intempéries daquele ano. Quando se compara com a de 2003, ano de safra cheia, a queda chega a mais de 50%.

Produção Agrícola (LSPA), davam os seguintes números: 20,7 milhões de toneladas em dezembro de 2004; 14,4 milhões de toneladas em fevereiro de 2005; e 9,9 milhões de toneladas em maio de 2005.

3 - Produtores de soja enfrentam dupla frustração

Na safra 2004/05, a área de soja continuou a crescer no Estado, passando a ocupar 4,182 milhões de hectares, número que corresponde a mais de 60% da área destinada ao cultivo de grãos no Rio Grande do Sul (Tabela 2). Tal crescimento vem se verificando desde a safra 2002/03, sendo incorporado, desde então, mais de 1,2 milhão de hectares, área antes destinada, em grande parte, ao cultivo de milho e à pecuária. O principal estímulo para esse desempenho são os preços recompensadores que a soja apresentou em todo esse período, notadamente nos primeiros meses de 2004, quando seu preço internacional alcançou o maior patamar em 25 anos. É verdade que, no momento do plantio da safra 2004/05, em setembro e outubro de 2004, o preço já se mostrava mais baixo, menor, inclusive, que aquele praticado um ano antes (Gráfico 1), mas, mesmo assim, o produtor, capitalizado com a colheita de 2003 e 2004, aumentou a área plantada com soja, entendendo que ainda existia uma rentabilidade relativa favorável à oleaginosa na comparação com o milho e a pecuária por exemplo.

Tabela 2

Comparativo de área, produção e produtividade nas lavouras de soja do Rio Grande do Sul — 2002/03, 2003/04 e 2004/05

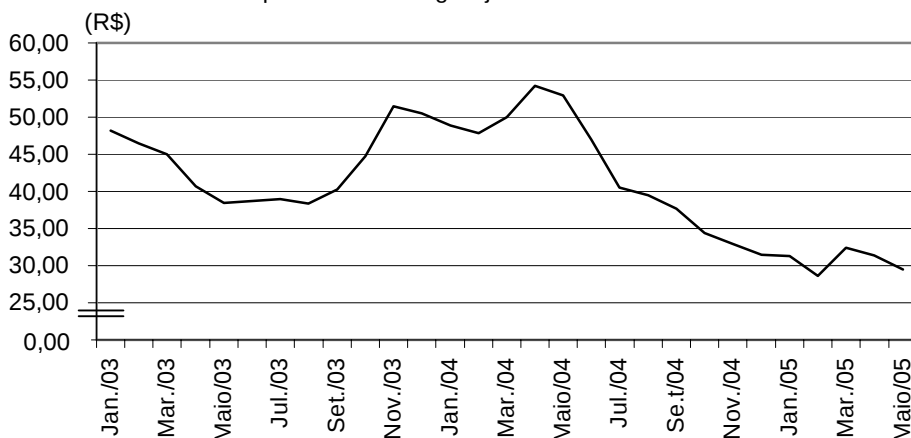
SOJA	SAFRAS			VARIAÇÃO %	
	2002/03	2003/04	2004/05	<u>2004/05</u> 2003/04	<u>2004/05</u> 2002/03
Área plantada (ha)	3 591 970	3 984 337	4 182 407	5,0	16,4
Área colhida (ha)	3 591 470	3 968 530	3 716 591	-6,3	3,5
Área perdida (ha)	500	15 807	465 816	2 846,9	93 063,2
Quantidade produzida (t)	9 579 297	5 541 706	2 368 829	-57,3	-75,3
Rendimento médio (kg/ /ha)	2 667	1 396	637	-54,4	-76,1

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, maio 2005.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.br> Acesso em: 14 jun. 2005.

Gráfico 1

Evolução dos preços pagos aos produtores gaúchos de soja
por saca de 60kg — jan./03-maio/05



FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgvdados.com.br>

NOTA: Preços atualizados pelo IGP-DI da FGV.

Entretanto, segundo o último dado disponibilizado pelo IBGE, a área de soja efetivamente colhida chegará, em 2005, a 3,7 milhões de hectares, uma redução de 6,3% em relação ao ano anterior. Ou seja, 465,8 mil hectares plantados com a oleaginosa foram simplesmente abandonados pelo produtor, ou em razão da falta de água, o que não propiciou um desenvolvimento normal da planta, ou em razão do excesso de chuva no momento da colheita, fato que gerou apodrecimento da oleaginosa em certas regiões. Historicamente, esse dado não é comparável com nenhuma das perdas por estiagem registradas desde 1990, o que indica a gravidade dos prejuízos causados pela estiagem à safra gaúcha de soja. A maior área perdida até então tinha sido registrada em 1996, com 56.000 hectares abandonados.

Na área que o produtor conseguiu colher, o problema foi a baixa produtividade. A estiagem causou uma redução de 54,4% no rendimento médio em relação à safra anterior. Notável é que a safra de 2004 já havia sido frustrada em relação ao potencial esperado, em função de outro período de estiagem. Se a comparação for com a de 2003, ano de safra cheia, a redução chega a 76,1%.

Por fim e como consequência direta do acima exposto, a produção de soja alcançou seu segundo pior desempenho desde, pelo menos, 1990. Os atuais 2,4 milhões de toneladas só são comparáveis com os 2,2 milhões de toneladas

de 1991, ano em que, além de enfrentar uma estiagem, o produtor teve problemas com o financiamento da safra no primeiro ano do Governo Collor.

Além dos efeitos sobre a produção física da soja, a estiagem e, depois, o excesso de chuvas trouxeram outro tipo de problema. A qualidade dos grãos também foi afetada, apresentando-se defeituosos, esverdeados, pequenos e com menor teor de óleo.² Menor produção e falta de qualidade do produto fizeram com que a indústria de óleos vegetais do Rio Grande do Sul passasse a importar parte de suas necessidades de matérias-primas de estados vizinhos e de outros países do Mercosul.



Em 2004, a redução da produção da soja foi, em parte, contrabalançada por aumento do preço do produto no mercado internacional, mantendo-se em patamar elevado até, pelo menos, junho de 2005. Os produtores que venderam sua produção durante esse período conseguiram bons resultados em termos de rentabilidade. O mesmo não se repete na atual safra. A nova diminuição da produção veio acompanhada, desta vez, por preços baixos relativamente ao que era esperado pelo produtor. Como se pode ver no Gráfico 1, os preços atuais recebidos pelo produtor gaúcho são os mais baixos dos últimos anos. Enquanto, em abril de 2004, a saca de 60kg de soja chegou a ser negociada, no Estado, a R\$ 54,18,³ um ano depois, o preço pouco ultrapassava R\$ 31,00, redução de mais de 42%. Para o produtor, que havia investido firme em expansão de área, esse preço põe em risco sua rentabilidade e seu estímulo para a próxima safra. Vejam-se as explicações para a evolução recente do preço da oleaginosa.

O preço interno da soja é, fundamentalmente, determinado pelo preço internacional, cotado na Bolsa de Chicago, e pela taxa de câmbio real-dólar. Inicia-se pelo primeiro. O Gráfico 2 mostra a trajetória dos preços internacionais da soja desde janeiro de 2003 até maio de 2005. A maneira mais simples de se entender esse desempenho é analisar os estoques internacionais do produto, através da Tabela 3.

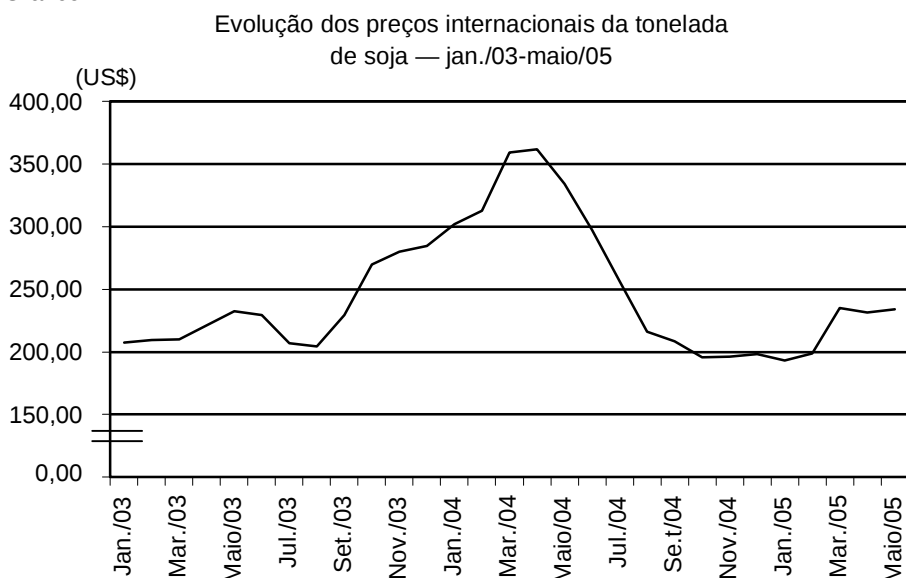
Durante os primeiro sete meses de 2003, o preço internacional da tonelada de soja estava em US\$ 215,00. Começou a subir em agosto daquele ano, em

² Segundo relatório sobre soja da consultoria Safras & Mercado de maio (2005g), "(...) o percentual de grãos ardidos e esverdeados está variando entre 15% e 30% da safra colhida", contra 8% no Paraná por exemplo.

³ Preço corrigido pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas.

função de três fatores: frustração de safras nos Estados Unidos e na América do Sul e aumento do consumo mundial, o que acarretou uma diminuição de mais de três milhões de toneladas dos estoques de passagem. O pico de alta foi atingido em abril de 2004, quando o preço chegou a US\$ 362,00 a tonelada, aumento de 64% em um ano.

Gráfico 2



FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgvdados.com.br>

Tabela 3

Oferta, demanda e estoques mundiais de soja — 2003, 2004 e 2005

(milhões de toneladas)					
SOJA	2003	2004 (1)	FEV/2005 (2)	MAR/2005 (2)	MAIO/2005 (2)
Estoque inicial	33,26	40,75	38,86	37,45	37,41
Produção	197,04	188,55	228,62	224,14	219,23
EUA	75,01	66,78	85,48	85,48	85,48
Brasil	52,00	52,60	63,00	59,00	54,00
Argentina	35,50	33,00	39,00	39,00	39,00
Consumo	189,55	191,88	206,15	205,61	204,05
China	35,29	34,38	38,65	38,55	38,85
Estoque final	40,75	37,42	61,33	55,98	52,59

FONTE: United States Department of Agriculture (USDA).

(1) Estimativa. (2) Projeção.

Quando surgiram as primeiras projeções da nova safra norte-americana, os preços começaram a ceder, o que foi ratificado com a colheita efetiva de uma supersafra de mais de 85 milhões de toneladas ao final de 2004. Após o pico, em abril de 2004, os preços começaram a cair até atingirem o ponto mais baixo, de US\$ 193,00 a tonelada, em janeiro de 2005. As previsões de um aumento das safras conjuntas de Argentina e Brasil em mais de 20%, feitas em janeiro de 2005 pelo United States Department of Agriculture (USDA), apenas servem para manter esse patamar baixo de preços. Em março de 2005, os preços em Chicago tiveram uma elevação de 18,4%, basicamente em função de novas projeções, que indicavam perdas de produção no Brasil, ocasionadas pela estiagem que atingia notadamente o Rio Grande do Sul. Nos meses seguintes, os dados foram continuamente redimensionados para baixo pelas notícias que confirmavam as perdas no Brasil e pelas que vinham dos campos norte-americanos, que indicavam redução da área a ser plantada com soja. Entretanto as perspectivas de diminuição dos estoques não foram capazes de elevar substancialmente os preços internacionais, uma vez que tais estoques ainda se encontram 40% maiores que os do final da temporada 2003/04.

Contudo a elevação que se observa nos preços internacionais de março de 2005 (Gráfico 2) não aparece com tanta evidência nos preços internos (Gráfico 1). Isso se deve a outra variável importante que explica os preços recebidos pelos produtores brasileiros, a taxa de câmbio. Entre maio de 2004 e maio de 2005, a taxa de câmbio valorizou-se 21%, sendo fonte de redução do preço que o produtor nacional recebe pela soja, que tem seu preço determinado em dólar.

Então, se, em março, o preço internacional sofria elevação, o preço interno pouco subia, pois a taxa de câmbio se valorizava no mesmo momento.

Parece claro que o atual patamar de preços internos da soja é determinado, principalmente, pelo preço internacional. Entretanto a valorização da taxa de câmbio durante o último ano somou-se ao efeito externo, gerando uma redução considerável do preço, em reais, do produto em apenas um ano. Se a taxa de câmbio não tivesse se alterado nesse período, os preços domésticos estariam, mesmo assim, baixos, mas em um patamar que poderia ser até 25% maior que o atual.



Reflexo natural do quadro até aqui descrito é a forte redução das exportações da soja em grão. Enquanto a produção gaúcha diminuiu 57,3%, a quantidade exportada sofreu redução de 96,5% na comparação dos primeiros quatro meses deste ano com o mesmo período do ano anterior. Sem dúvida, a menor produção explica esse fato, mas pode-se especular sobre outros motivos. Um deles poderia ser o reduzido preço que o produto encontra no mercado, recomendando uma estratégia de atraso na venda, na espera de preços maiores no futuro. Entretanto tal estratégia enfrentaria problemas relacionados com a necessidade quase imediata de liquidez por parte do produtor, em função de compromissos com financiamentos. O outro motivo estaria ligado à falta de qualidade do grão, relatada acima, fazendo com que o produtor direcionasse a maior parte da já baixa produção preferencialmente para o mercado interno, comprometendo a exportação.

Quanto ao comportamento dos preços futuros, estes encontrarão, no montante de produção da próxima safra norte-americana, seu determinante principal. Levando-se em conta que já ocorreram perdas na América do Sul, qualquer ameaça de quebra que venha dos campos norte-americanos pode impactar os preços internacionais. A projeção atual indica redução de 2% na área, com produção estimada entre 78 milhões e 80 milhões de toneladas,⁴ o que, caso se concretize, fará com que os preços em Chicago mantenham seu atual patamar, que, se estão baixos na comparação com os preços do ano passado, estão dentro da normalidade quanto aos dos últimos anos.

⁴ A redução da área plantada deve-se a, basicamente, três fatores: ferrugem asiática, rotação de cultura e cenário de preços desfavorável para a soja.

4 - Outros grãos

Arroz

Como se sabe, a quase-totalidade do cultivo de arroz no Rio Grande do Sul é feita em áreas irrigadas. Em razão disso, as estiagens que atingiram o Estado em 2004 e em 2005 não afetaram tão gravemente as plantações desse grão quanto as de soja. Entretanto, na atual safra, a severidade da falta de chuvas fez com que 43.688 hectares com arroz plantado fossem simplesmente abandonados pelos produtores, uma área 300% maior que a da safra passada (Tabela 4). Em função disso, a área colhida sofreu redução de 2,2%, embora a área plantada tivesse aumentado 1%.

O rendimento médio das áreas efetivamente colhidas alcançou bons números. Se, na comparação com a safra passada, o rendimento caiu 4,6%; em relação à safra de 2003, o ganho foi de quase 20%. Ainda mais, o rendimento de 2005 é o segundo maior numa série que começa em 1990, perdendo apenas para o de 2004. Em função de tal produtividade, a produção de arroz no Estado foi apenas 6,7% menor que a do ano anterior e 25,9% maior que a de 2003. Ou seja, os efeitos da estiagem foram apenas localizados, em áreas específicas que encontraram problemas com a irrigação, sendo que as demais conseguiram uma produção tal que, na comparação com as primeiras previsões, antes do início da estiagem, a redução deve fechar em pouco mais de 3%.

Se, pelas características da produção do arroz no Estado, os produtores não foram tão afetados pela estiagem, o grande problema que estes enfrentam diz respeito ao preço recebido por seu produto. O Gráfico 3 deixa evidente a queda acentuada no preço do arroz desde um pico em janeiro de 2004. De lá para cá, a saca de 50kg do produto perdeu mais de 55% de seu preço, alcançando R\$ 20,10 em maio de 2005.

O preço internacional do arroz encontra-se em patamares elevados,⁵ mas isso não impediu que o preço praticado internamente sofresse uma queda contínua durante o segundo semestre de 2004. A explicação para esse descompasso entre o preço internacional e o doméstico encontra-se na disponibilidade de elevados estoques no Brasil e na valorização cambial, que reduziu os preços do produto importado dos demais países do Mercosul (Boletim de Conjuntura, 2005).

⁵ Segundo a Conab, o preço internacional da tonelada do arroz era de US\$ 298 em fevereiro de 2005, maior patamar em dois anos. Para efeito de comparação, o preço de janeiro de 2004 era de US\$ 219, mês em que o mercado interno registra seu preço de pico.

Tabela 4

Comparativo de área, produção e produtividade nas lavouras de arroz do Rio Grande do Sul — 2002/03, 2003/04 e 2004/05

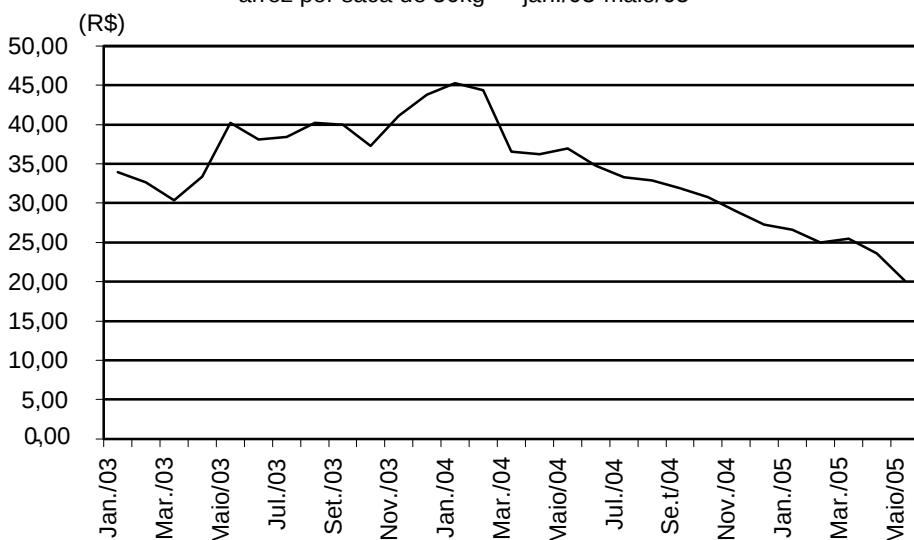
ARROZ	SAFRAS			VARIACÃO %	
	2002/03	2003/04	2004/05	<u>2004/05</u> 2003/04	<u>2004/05</u> 2002/03
Área plantada (ha) ..	962 210	1 044 124	1 054 188	1,0	9,6
Área colhida (ha)	961 760	1 033 202	1 010 500	-2,2	5,1
Área perdida (ha)	450	10 922	43 688	300,0	9 608,4
Quantidade produzi- da (t)	4 697 151	6 338 117	5 912 889	-6,7	25,9
Rendimento médio (kg/ha)	4 884	6 134	5 851	-4,6	19,8

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, maio 2005.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.br> Acesso em: 14 jun. 2005.

Gráfico 3

Evolução dos preços pagos aos produtores gaúchos de arroz por saca de 50kg — jan./03-maio/05



FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgydados.com.br>

NOTA: Preços atualizados pelo IGP-DI da FGV.

Na Tabela 5, pode-se analisar a evolução dos estoques de arroz no Brasil, nos últimos anos. A colheita do produto já havia aumentado na safra passada, repetindo, na atual, praticamente a mesma quantidade. E, embora a importação diminua e a exportação aumente, o pequeno crescimento esperado do consumo doméstico faz com que a produção seja apenas parcialmente absorvida, aumentando os estoques de passagem, que já se mostravam elevados desde o ano passado. Enquanto, em 2003, os estoques não chegavam a representar 3% do consumo doméstico, para 2005, essa proporção deverá ultrapassar os 15%, evidenciando o pesado carregamento do cereal e, fundamentalmente, explicando os baixos preços praticados no atual período de comercialização do produto. Além disso, a valorização da taxa de câmbio, já constatada acima, reduziu o preço do arroz importado do Uruguai e da Argentina, aumentando a concorrência com o produto nacional.

Tabela 5

Oferta, demanda e estoques brasileiros de arroz nas safras 2001/02, 2002/03, 2003/04 e 2004/05

	(1 000t)			
ARROZ	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05
Estoque inicial	1 321,70	663,20	358,40	1 576,60
Produção	10 626,10	10 367,10	12 808,20	12 809,40
Importação	737,30	1 601,60	1 130,00	700,00
Suprimento	12 685,10	12 631,90	14 296,60	15 086,00
Consumo	12 000,00	12 250,00	12 660,00	12 830,00
Exportação	21,90	23,50	60,00	250,00
Estoque final	663,20	358,40	1 576,60	2 006,00

FONTE: INDICADORES DA AGROPECUÁRIA, Brasília, DF: CONAB, v. 14, n. 3, mar. 2005.

As manifestações e as reivindicações dos arrozeiros gaúchos durante os meses de maio e junho foram motivadas, portanto, pelo excesso de oferta do produto e pela entrada de arroz estrangeiro com baixo preço. O resultado dessa movimentação foi o compromisso do Governo Federal de liberar R\$ 800 milhões para ajudar na comercialização do arroz, através de Aquisições do Governo Federal (AGF) e de leilões de opções e de Prêmio de Escoamento de Produto (PEP). Espera-se que os recursos sejam suficientes para a compra de 1,5 milhão de toneladas do cereal, o que pode amenizar o problema de preços baixos. Entretanto tal medida apenas adia o problema, uma vez que o produto retirado do mercado engordará ainda mais os estoques.

Milho

A área plantada de milho continuou a diminuir no Estado, na safra 2004/05, tornando-se a menor em uma série com início em 1990 (Tabela 6). A substituição do cultivo do cereal por soja, que vem sendo observada no Estado desde 2001, é a principal fonte de explicação para a diminuição da área do milho.

Tabela 6

Comparativo de área, produção e produtividade nas lavouras de milho do Rio Grande do Sul — 2002/03, 2003/04 e 2004/05

MILHO	SAFRAS			VARIAÇÃO %	
	2002/03	2003/04	2004/05	<u>2004/05</u> <u>2003/04</u>	<u>2004/05</u> <u>2003/04</u>
Área plantada (ha)	1 416 777	1 297 747	1 211 439	-6,7	-14,5
Área colhida (ha)	1 415 297	1 199 523	970 695	-19,1	-31,4
Área perdida (ha)	1 480	98 224	240 744	145,1	16 166,5
Quantidade produzi- da (t)	5 426 124	3 376 845	1 506 129	-55,4	-72,2
Rendimento médio (kg/ha)	3 834	2 815	1 552	-44,9	-59,5

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, maio 2005.
PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.br> Acesso em: 14 jun. 2005.

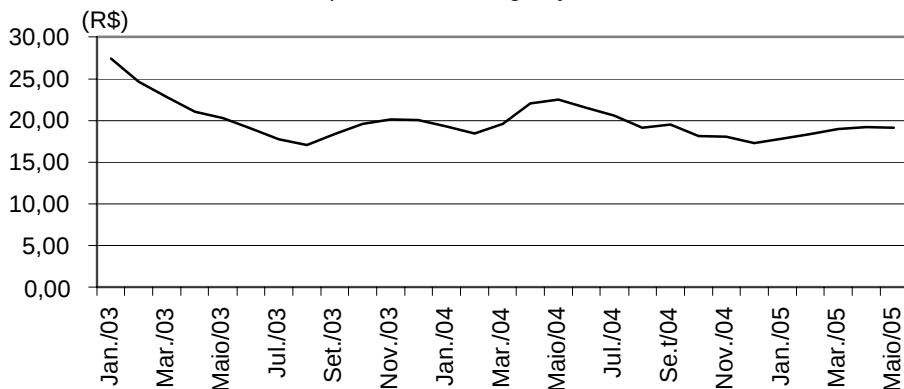
A estiagem foi dura com as plantações de milho. Praticamente 20% da área plantada foi destinada a outro uso, notadamente à silagem. A área restante apresentou, em virtude da falta de chuvas, uma produtividade reduzida, a menor desde 1991. Com isso, a produção do milho pouco ultrapassou 1,5 milhão de toneladas, menos da metade da quantidade colhida em 2004, ano também de estiagem. Quando se compara a safra cheia de 2003 com a atual, esta não chega a 30% daquela.

Quanto ao comportamento dos preços, embora os pagos ao produtor gaúcho tenham-se reanimado a partir de dezembro de 2004, ainda se encontram abaixo dos de um ano atrás (Gráfico 4). As causas são os preços

internacionais igualmente baixos e a existência de estoques internos que, se, em relação ao ano passado, são menores, ainda se mantêm em patamar elevado.

Gráfico 4

Evolução dos preços pagos aos produtores gaúchos de milho por saca de 60kg — jan./03-maio/05



FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgvdados.com.br>

NOTA: Preços atualizados pelo IGP-DI da FGV.

Segundo estimativa (Safras & Mercado, 2005f), a demanda do Rio Grande do Sul por milho no ano comercial de 2005/06 é de 5,24 milhões de toneladas. Considerando-se que os estoques são diminutos e que a produção não chega a 30% do volume requerido, pode-se projetar que a solução será a importação de outros estados ou de outros países do Mercosul. A cada movimento de tentativa de compra, o mercado interno cede um pouco em preço e apresenta maior disponibilidade, o que acaba protelando a decisão de compra de milho estrangeiro. Dessa maneira, até maio de 2005, as importações do cereal por parte das indústrias do Estado andavam am baixa.

Dentre os fatores que determinam o preço do cereal, a possibilidade de importação, estimulada pela taxa de câmbio, e a necessidade de caixa do produtor estão pesando mais que as projeções de uma safrinha 21% menor que a do ano anterior, o que ajuda a entender ainda mais o atual patamar de preços do milho.

Feijão

A área destinada ao cultivo de feijão no Estado, na safra 2004/05, é a menor em uma série com início em 1990, sendo que, em relação à safra passada, essa área apresentou redução de 13% (Tabela 7), fato verificado tanto na primeira safra quanto na segunda. Essa retração do plantio ocorreu em função dos preços praticados em 2004 e da opção de um grande número de produtores por cultivos que, na época de semeadura, indicavam possibilidades de ganhos superiores, em especial de soja e de fumo. No caso da segunda safra, o principal efeito desestimulante do plantio foi o solo seco em função da estiagem, que impediu a semeadura em muitos municípios.

Tabela 7

Comparativo de área, produção e produtividade nas lavouras de feijão do Rio Grande do Sul — 2002/03, 2003/04 e 2004/05

FEIJÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO %	
	2002/03	2003/04	2004/05	<u>2004/05</u> <u>2003/04</u>	<u>2004/05</u> <u>2002/03</u>
Área plantada (ha) ...	160 276	136 456	118 670	-13,0	-26,0
Área colhida (ha)	155 937	136 294	108 692	-20,3	-30,3
Área perdida (ha)	4 339	162	9 978	6 059,3	130,0
Quantidade produzi- da (t)	137 865	133 688	75 868	-43,2	-45,0
Rendimento médio (kg/ha)	884	981	698	-28,8	-21,0

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, maio 2005.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.br> Acesso em: 14 jun. 2005.

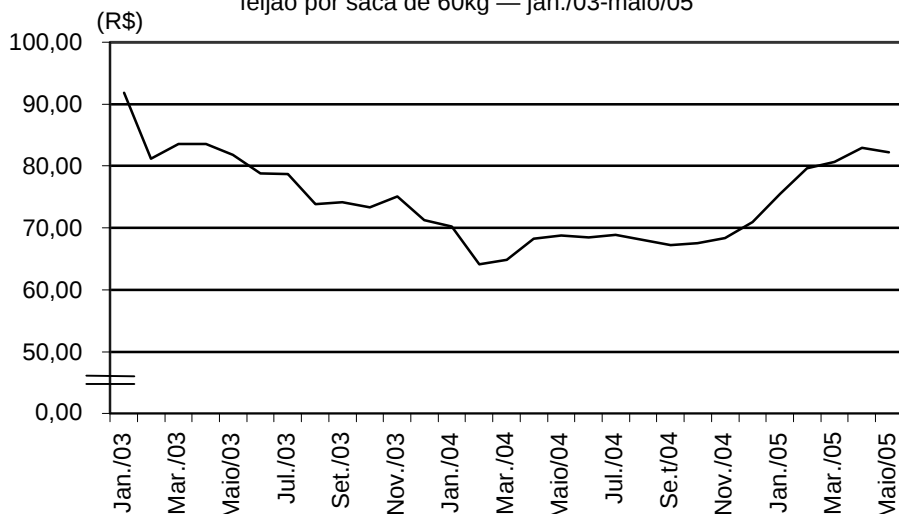
A área colhida sofreu uma redução ainda maior, pois se somou a uma área plantada menor o abandono de quase 10.000 hectares, perdidos em função da estiagem. A produtividade também foi fortemente afetada pela falta de chuvas, alcançando somente 698kg/ha, bem abaixo do ano anterior. Menor área e menor produtividade redundaram na menor produção em, pelo menos, 16 anos.

Ao contrário dos outros grãos, o feijão está encontrando bons preços em sua comercialização. O preço da saca de 60kg vinha subindo desde fevereiro de

2004 e, com mais força, a partir de novembro daquele ano, até atingir um preço médio para o Estado de R\$ 82,23 em maio de 2005, um aumento de quase 20% em um ano (Gráfico 5). A explicação para o fato é a redução dos estoques em função da frustração de oferta na atual safra.

Gráfico 5

Evolução dos preços pagos aos produtores gaúchos de feijão por saca de 60kg — jan./03-maio/05



FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgvdados.com.br>

NOTA: Preços atualizados pelo IGP-DI da FGV.

5 - Considerações finais

Nestas notas finais, destacam-se duas questões importantes e que estão postas ao longo do texto. Primeiramente, os dados não deixam dúvidas quanto a um processo que teve início em 2001 e que se caracteriza pela substituição do cultivo de feijão e de milho por outras relativamente mais rentáveis, notadamente a soja. Tal processo foi motivado pelo comportamento positivo dos preços da oleaginosa em relação aos dos cereais nas últimas safras, principalmente na de 2003/2004. Entretanto o plantio crescente da soja, não apenas no Rio Grande do Sul, mas também, e até com mais força, no restante do Brasil, encontrou, em 2005, os preços mais baixos dos últimos dois anos. Se um pos-

sível patamar mais baixo de preços pode trazer desincentivos ao cultivo do produto, a descapitalização dos produtores gaúchos, resultante da quebra da safra deste ano e dos baixos preços praticados, aumenta ainda mais as dúvidas quanto à continuidade do avanço da área de soja sobre a de outras culturas no Rio Grande do Sul.

A outra questão a ser marcada aqui diz respeito à estiagem que atingiu o Estado em 2005 e que se revela apenas mais uma entre as tantas que o vêm afetando nos últimos anos. Dentre os principais estados produtores de grãos do País, o Rio Grande do Sul é o que tem apresentado a maior variação de produtividade. E uma das causas desse fato são as condições climáticas adversas que parecem atingir com mais intensidade o RS do que as outras regiões, fazendo com que a economia gaúcha já passe a incorporar esse problema em seu cálculo econômico. A gravidade desse quadro parece ter incentivado discussões, entre a sociedade e o Governo Estadual, que privilegiem soluções estruturais que, pelo menos, amenizem o problema, sendo uma delas a construção de barragens em pontos estratégicos do território gaúcho, visando, com isso, tornar as políticas públicas mais que meros paliativos de curto prazo.

Referências

- AGUIAR, Isabel Dias de. Indústria de óleo gaúcha importará grãos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-12, 17 mar. 2005.
- BAHIA, Carolina; CASTRO, Daniela. União vai destinar para o arroz R\$ 800 milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 28, 9 jun. 2005.
- BALDI, Neila. Arroz custa mais barato que o milho no Sul e Centro-Oeste. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-12, 12 maio 2005.
- BENETTI, Maria D. A agricultura gaúcha em 2004. Feliz 2005! **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 143-166, mar. 2005.
- BOLETIM DE CONJUNTURA, Rio de Janeiro: IPEA, n. 68, mar. 2005.
- FÜRSTENAU, Vivian. A quebra na produção e a queda nas exportações gaúchas de soja em 2005. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 14, n. 6, p. 2, jun. 2005.
- GOMES, Anderson Galvão. Riscos e oportunidades da soja. **Revista de Agronegócios da FGV**, Rio de Janeiro, p. 18-19, mar. 2005.

INDICADORES DA AGROPECUÁRIA. Brasília, DF: Conab, v. 14, n. 3, mar. 2005.

LAZZARI, Martinho R. Soja gaúcha avança sobre áreas de milho e de pecuária. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 2, mar. 2005.

LAZZARI, Martinho R. Soja no RS: produção em queda e preço em baixa. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 1, abr. 2004.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, maio 2005.

SAFRAS & MERCADO. Feijão, v. 7, n. 278, 02 maio 2005a.

SAFRAS & MERCADO. Feijão, v. 7, n. 279, 09 maio 2005b.

SAFRAS & MERCADO. Feijão, v. 7, n. 281, 23 maio 2005c.

SAFRAS & MERCADO. Milho, v. 7, n. 479, 02 maio 2005d.

SAFRAS & MERCADO. Milho, v. 7, n. 480, 09 maio 2005e.

SAFRAS & MERCADO. Milho, v. 7, n. 481, 16 maio 2005f.

SAFRAS & MERCADO. Soja, v. 7, n. 1.346, 02 maio 2005g.

SAFRAS & MERCADO. Soja, v. 7, n. 1.347, 09 maio 2005h.

SAFRAS & MERCADO. Soja, v. 7, n. 1.348, 16 maio 2005i.